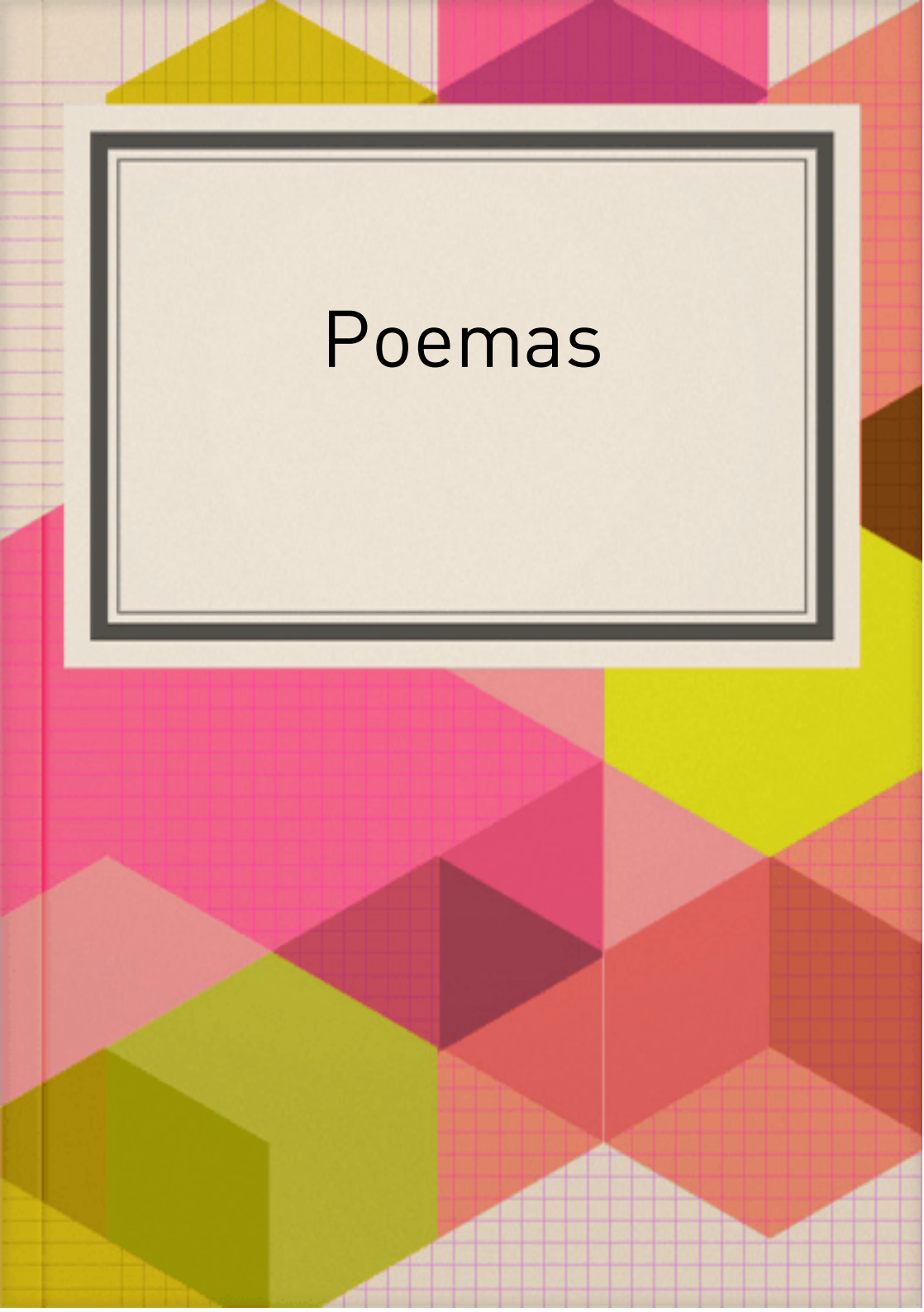




Poemas

Era Colonial:
Do Quinhentismo
Ao
Período de
Transição.

Jesus na Manjedoura. Poema do Padre José de Anchieta -

Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado? -
Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal
pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui
colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não
cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão
pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo
embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de
Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de
tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno
estado, Tal me fez o teu pecado.

QUINHETISMO

POEMA:

Poema de Gregório de Matos Guerra; Tema: TODO

O todo sem a parte não é todo, A parte sem o todo não é parte, Mas se a parte o faz todo, sendo parte, Não se diga, que é parte, sendo todo. Em todo o sacramento está Deus todo, E todo assiste inteiro em qualquer parte, E feito em partes todo em toda a parte, Em qualquer parte sempre fica o todo. O braço de Jesus não seja parte, Pois que feito Jesus em partes todo, Assiste cada parte em sua parte. Não se sabendo parte deste todo, Um braço, que lhe acharam, sendo parte, Nos disse as partes todas deste todo.

BARROCO POEMA:

XCVIII de Cláudio Manuel da Costa

Destes penhascos fez a natureza O berço em que
nasci: oh! quem cuidara, Que entre penhas tão duras
se criara Uma alma terna, um peito sem dureza!
Amor, que vence os tigres, por empresa Tomou logo
render-me; ele declara Contra o meu coração guerra
tão rara, Que não me foi bastante a fortaleza. Por
mais que eu mesmo conhecesse o dano, A que dava
ocasião minha brandura, Nunca pude fugir ao cego
engano: Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; por amor tirano, Onde há mais
resistência mais se apura.

ARCADISMO POEMA:

Era Nacional:
Do Romantismo
Ao
Pós- Modernismo.

Romantismo; Cecília Meireles

Quem tivesse um amor, nesta noite de lua, para
pensar um belo pensamento e pousá-lo no vento!...
Quem tivesse um amor - longe, certo e impossível -
para se ver chorando, e gostar de chorar, e adormecer
de lágrimas e luar! Quem tivesse um amor, e, entre o
mar e as estrelas, partisse por nuvens, dormente e
acordado, levitando apenas, pelo amor levado... Quem
tivesse um amor, sem dúvida nem mácula, sem antes
nem depois: verdade e alegoria... Ah! Quem tivesse...
(Mas quem tem? Quem teria?).

ROMANTISMO POEMA:

Trecho do Poema; É Proibido, de Alfredo Cuervo Barrero

É proibido chorar sem aprender, Levantar-se um dia sem saber o que fazer Ter medo de suas lembranças. É proibido não rir dos problemas Não lutar pelo que se quer, Abandonar tudo por medo, Não transformar sonhos em realidade. É proibido não demonstrar amor Fazer com que alguém pague por tuas dúvidas e mau-humor. É proibido deixar os amigos Não tentar compreender o que viveram juntos Chamá-los somente quando necessita deles. É proibido não ser você mesmo diante das pessoas, Fingir que elas não te importam, Ser gentil só para que se lembrem de você, Esquecer aqueles que gostam de você. É proibido não fazer as coisas por si mesmo, Não crer em Deus e fazer seu destino.

REALISMO POEMA:

Pobre Amor, de Aluísio Azevedo

Calcula, minha amiga, que tortura! Amo-te muito e muito, e, todavia, Preferira morrer a ver-te um dia Merecer o labéu de esposa impura! Que te não entorneça esta loucura, Que te não mova nunca esta agonia, Que eu muito sofra porque és casta e pura, Que, se o não foras, quanto eu sofreria! Ah! Quanto eu sofreria se alegrasses Com teus beijos de amor, meus lábios tristes, Com teus beijos de amor, as minhas faces! Persiste na moral em que persistes. Ah! Quanto eu sofreria se pecasses, Mas quanto sofro mais porque resistes.

NATURALISMO

POEMA:

OLHA-ME! POEMA de Olavo Bilac

Olha-me! O teu olhar sereno e brando Entra-me o
peito, como um largo rio De ondas de ouro e de luz,
límpido, entrando O ermo de um bosque tenebroso e
frio. Fala-me! Em grupos doudejantes, quando Falas,
por noites cálidas de estio, As estrelas acendem-se,
radiando, Altas, semeadas pelo céu sombrio. Olha-me
assim! Fala-me assim! De pranto Agora, agora de
ternura cheia, Abre em chispas de fogo essa pupila...
E enquanto eu ardo em sua luz, enquanto Em seu
fulgor me abraso, uma sereia Soluce e cante nessa
voz tranqüila!

PARNASIANISMO

POEMA:

Os Mochos; de Charles Baudelaire

Sob os feixos onde habitam, Os mochos formam em
filas; Fugindo as rubras pupilas, Mudos e quietos,
meditam. E assim permanecerão Até o Sol se ir deitar
No leito enorme do mar, Sob um sombrio edredão. Do
seu exemplo, tirai Proveitoso ensinamento: — Fugí do
mundo, evitai O bulício e o movimento... Quem atrás
de sombras vai, Só logra arrependimento!

SIMBOLISMO POEMA:

Solitário, de Augusto dos Anjos

Como um fantasma que se refugia Na solidão da
natureza morta, Por trás dos ermos túmulos, um dia,
Eu fui refugiar-me à tua porta! Fazia frio e o frio que
fazia Não era esse que a carne nos contorta... Cortava
assim como em carniçaria O aço das facas incisivas
corta! Mas tu não vieste ver minha Desgraça! E eu
saí, como quem tudo repele, - Velho caixão a carregar
destroços - Levando apenas na tumba carcaça O
pergaminho singular da pele E o chocalho fatídico dos
ossos!

PRÉ-MODERNISMO

POEMA:

No Meio do Caminho; Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra.

Tinha uma pedra no meio do caminho .Tinha uma
pedra. No meio do caminho tinha uma pedra. Nunca
me esquecerei desse acontecimento.Na vida de
minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei
que no meio do caminho.Tinha uma pedra.

Tinha uma pedra no meio do caminho. No meio do
caminho tinha uma pedra.

MODERNISMO POEMA:

Poema Bilhete, de Mario Quintana

Se tu me amas, ama-me baixinho Não o grites de
cima dos telhados Deixa em paz os passarinhos Deixa
em paz a mim! Se me queres, enfim, tem de ser bem
devagarinho, Amada, que a vida é breve, e o amor mais
breve ainda...

PÓS- MODERNISMO

POEMA: